

A INDÚSTRIA **TÊX**TIL PORTUGUESA

THE PORTUGUESE TEXTILE INDUSTRY

ANTÓNIO DOS SANTOS PEREIRA

ÍNDICE

CONTENTS

Introdução

11

Introduction

A história da produção têxtil portuguesa

29

The history of the Portuguese textile production

O MUNDO DE PARTILHAS TÊXTEIS

30 / 31

O PROGRESSO TÊXTEL PORTUGUÊS: ALGUNS DOS SEUS AGENTES

38 / 39

A DEMONSTRAÇÃO DE UM PAÍS INDUSTRIALIZADO

54 / 55

O ASSOCIATIVISMO, A IMPRENSA E A GLOBALIZAÇÃO

66 / 67

THE WORLD OF TEXTILE EXCHANGES

THE PORTUGUESE TEXTILE PROGRESS: SOME PLAYERS

SHOWCASING AN INDUSTRIALISED COUNTRY

ASSOCIATIONS, THE PRESS AND GLOBALISATION

A geografia da indústria: matérias-primas, técnicas e produtos têxteis

77

Charting the textile industry: raw materials, techniques and textile products

AS MATÉRIAS-PRIMAS

78 / 79

RAW MATERIALS

O ALGODÃO

90 / 89

COTTON

A LÃ

100 / 101

WOOL

O LINHO

112 / 113

FLAX / LINEN

A SEDA E O FIO DE OURO

120 / 121

SILK AND GOLD THREAD

AS FIBRAS MISTAS NATURAIS

132 / 133

MIXED NATURAL FIBRES

AS OUTRAS FIBRAS NATURAIS

134 / 133

OTHER NATURAL FIBRES

AS FIBRAS ARTIFICIAIS, AS FIBRAS SINTÉTICAS E OS NOVOS TÊXTEIS ORGÂNICOS

136 / 137

ARTIFICIAL FIBRES, SYNTHETIC FIBRES AND NEW ORGANIC TEXTILES

O TINGIMENTO

138 / 139

DYEING

OS MORDENTES, OS PIGMENTOS E AS TÉCNICAS

138 / 139

MORDANTS, PIGMENTS AND TECHNIQUES

OS PRODUTOS

148 / 149

PRODUCTS

OS TECIDOS E AS TÉCNICAS

148 / 149

FABRICS AND TECHNIQUES

As inovações, os empreendedores e os têxteis do futuro

167

Innovations, entrepreneurs and future textiles

AS TRANSFERÊNCIAS TÉCNICAS

168 / 169

TECHNICAL TRANSFERS

OS TÊXTEIS DO FUTURO

176 / 177

FUTURE TEXTILES

CONCLUSÃO

180 / 181

CONCLUSION

Quadros

182

Tables

Notas

196

Notes

Fontes

200

References

Cronologia

203

Chronology

Manteigas, through the Ecolã and Burel Factory projects, besides others in which municipalities and archaeologists are involved.

This essay also focuses on all levels of the historical dimension and all the spheres of the textile industry, i.e., the socioeconomic, institutional, civilisation and cultural spheres. The first level focuses on (more or less qualified) supply and demand; the second on state intervention; and the third and the fourth levels on transformation. The latter will refer to the need for regulation, due to the industrialists' inability to create an association movement in order to prevent dumping and the over-exploitation of workers as well as promote the modernisation of production processes and improve the living conditions of all those who took part in the process. In this regard, it will also cover the development of social assistance to textile workers, the evolution of housing-related concerns and cultural promotion theory and practice for all those involved in the production processes.

In the world of textiles, humans are obviously not only the recipients of products, but also manufacturers, artisans, artists, industrialists, merchants and politicians. There is dignity and a deep respect for human labour in all of them alike. The textile industry is many-fold: as it is the subject of this essay, it must be said that its history is part of the human saga and can be better understood because it is illustrated through the imagination of the latter. The human body was arguably the first – and the most natural – loom and is still the favourite showcase for the beauty of fabric translated into garments. Despite its demythologising nature, the Book of Genesis explains how Eve and Adam wove fig leaves to cover their nudity. The textile industry has benefited from the arts: rather than merely responding to the immediate needs of humans, it has always been configured by them, as it is configured by science these days.



Tear e Roda em Minde.
Loom and Spinning Wheel in Minde.

Aquarela de/Watercolor by
Raquel Roque Gameiro.

Museu de Aquarela Roque Gameiro, Minde.
Foto/Photo: Museu da Aquarela Roque Gameiro.



indústria têxtil portuguesa, encontramos nela os fatores da sua composição identitária primitiva, com influências tanto norte-europeias como bizantinas, muçulmanas e judaicas, ou, em geral, mediterrânicas e peninsulares. Porém, no século XVI, o país tornou-se interativo nas escalas das rotas dos Descobrimentos e fez permutas com todo o mundo. Levou, então, técnicas e avanços civilizacionais aos quatro cantos do planeta, e dele trouxe matérias-primas, artefactos, influências e imaginários, e assim cresceu pacífico como nenhum outro. A figuração bizantina, paradigma de frontalidade, é demonstrável em Portugal por várias vias, tanto escultóricas e pictóricas como têxteis, e é testemunhada no seu espaço ainda antes de se ter constituído estado-nação, há cerca de um milénio⁸. Todavia, atinge

rara beleza em elementos posteriores musealizados. Na mesma linha vão as figurações coptas presentes no Museu Nacional de Arte Antiga.

Num império, como foi o português, de vários tempos e continentes, percebemos como foram muito relevantes as imediações dos seus principais portos: os do Algarve, concretamente Lagos e Portimão, Faro e Tavira; os do Sul, desde Sines, Setúbal e Lisboa até Peniche; os do Norte, Figueira da Foz, Aveiro e entre Douro e Minho, desde Leixões até Viana do Castelo e Caminha. Ali se armazenaram e despacharam matérias-primas e bens fabricados. Das suas envoltórias, partiram vias de ligação ao interior mais profundo. Aqui, desde Bragança, Lamego e Covilhã até Portalegre e Elvas, Évora e Beja, ainda hoje notamos os resquícios da muito antiga transumância.

O encontro de que resultou Portugal, entre o populoso Norte, aldeão e de povoamento disperso, e o Sul, mais vazio mas urbano, fez-se na bacia do médio Tejo, e aí são importantes também, para uma séria observação têxtil, os estabelecimentos industriais em Tomar e em Torres Novas. Não deixa de ser significativo que, nos primórdios da industrialização lusa, alguns estabelecimentos têxteis tenham feito deste espaço um lugar central de implantação de tecnologia têxtil, porventura pela abundância de água e madeira – as duas condicionantes desta indústria, ao lado da tradição de saber fazer.



Os Descobrimentos, nas tapeçarias de Portalegre.

The Discoveries, a Portalegre tapestry. Jaime Martins Barata, 1949.

Forte de São Julião da Barra.

Foto/Photo: Paulo Cintra/Laura Castro Caldas.



Estudo do Xaile Antigo,
Usos e Costumes.
A Study of Old Shawls,
Ways and Customs.
Aquarela de/Watercolor by
Roque Gameiro.
Museu da Aquarela
Roque Gameiro, Minde.
Foto/Photo: Museu da Aquarela Roque Gameiro.



Exhibition³⁰. The scientist worked with the Mint (Casa da Moeda), university – Escola Politécnica de Lisboa – and in his own chemical laboratory near Lisbon's Largo do Carmo. His skill led him to become a member of the Chemistry Committee of the jury of Exposição da Indústria, an industrial exhibition organised by Sociedade Promotora da Indústria Nacional, the Society for the Promotion of the National Industry, in 1849³¹.

There is little doubt of the importance of the London event to the growth of the industrial sector in Portugal, especially in textiles. Many prominent figures in nineteenth-century society were committed to it, namely the Count of Tomar (who had been removed from office in the meantime), the French geologist Charles Bonnet³², the Viscount of Carreira, the Baron of Luz, the Baron of Alcoentre, Tortosendo-born politician Francisco Tavares de Almeida Proença (1798-1872), as well as Joaquim

José da Costa Macedo, Joaquim Larcher, José Ferreira Pinto Basto and Sebastião José Ribeiro de Sá, who was mainly in charge of preparing the Portuguese participation for the London Exhibition. In fact, the feats of the Portuguese industry were highly praised on a regular basis in the aforementioned *Revista Universal Lisbonense*, of which Ribeiro de Sá was the main editor. Steam engines were now increasingly used, and the establishment of a factory in Lisbon that would produce them for the entire country would spell a welcome edge. In 1847, the joint family efforts of a Portuguese industrialist, his son and his British son-in-law bore fruit: machinery began to be produced in the country, in a sector for which there was still a need to import raw materials: "Iron, steel, lead, zinc, coal and copper"³³. Some of them were mostly used in textile-related machinery: calanders and steam engines. The industrialist Bernardo Daupias had already installed four machines in his factory in Calvário, Lisbon. An engine was starting production in José Barbosa's factory in Porto's Rua de Manuel Fernandes Tomás, spinning cotton and silk at fifty-four rpm³⁴. Also in Porto, there was another engine on Rua da Pólvora, which provided 24 hp³⁵ in a factory that had started life as a dyeing shop in 1840 and become a print shop in 1848. Nonetheless, there is reason to say that the textile industry showed itself with flying colours in London, and paved the way for the future. By the mid-nineteenth century, 168 hp were used in the textile industry in Lisbon out of a total of 509 hp that were available in all industries across the city³⁶. [see page 182, TABLE 2]

Interestingly, Fábrica de Moller e Weike, which produced printed cotton scarves in various colours, was powered exclusively by animals and humans³⁷. Filipe José da Luz's mill in Rio de Mouro, which was established in 1815 and produced printed cotton scarves and shawls, was also "hand-operated"³⁸.

[see page 182, TABLE 3, and page 184, TABLE 4]³⁹

atuais espaços de origem do essencial desta matéria-prima de excelência. A variedade intrínseca à lã permite o seu aproveitamento também em diferentes produtos. Curiosamente, da Exposição Pecuária Portuguesa de 1888 em Lisboa, a raça que nos chegou em destaque foi o majestoso ovino algarvio, cujas qualidades já foram realçadas em precioso trabalho académico a propósito¹⁴¹.

Ainda durante o domínio romano, antes de rumar a norte, a Portalegre e à Covilhã, a atual «cidade da lã», esta matéria-prima descia do Alentejo a Salácia, dita hoje Alcácer do Sal, e era estivada para a Península Itálica. Além dos textos clássicos, confirma aquela rota da lã a presença de vários pesos de teares e alguns cossoiros junto ao castelo daquela antiga urbe sadina, o que quer dizer que esta foi não só espaço de estanco, mas também de transformação da matéria-prima em tecido.

Quanto à Covilhã, vale a pena levar a cabo uma resenha dos diplomas emanados da governação portuguesa ao longo dos tempos, para notar como os poderes nacionais consideraram aquele soalheiro burgo dos Hermínios, mais do que porta oriental da Estrela, lugar de feitoria de panos. Em 28 de janeiro de 1528, Estêvão Rico era provido nos cargos de recebedor e selador dos panos da Covilhã, em substituição de Pero de Andrade. A Estêvão Rico sucedeu o seu filho Cristóvão Tavares, que renunciou ao cargo em 1566 em favor de Manuel de Vilhelgas¹⁴². Em 1573, tendo falecido o último feitor, o Regimento dos Panos informava sobre a nova orgânica de fabrico e as respetivas taxas fiscais. No entanto, a história dos tecidos de lã da cidade serrana deve muito ao estabelecimento no período medieval de instituições eclesiásticas no respetivo burgo, quanto à produção, mas também em Coimbra, quanto ao comprovado consumo, e na meseta castelhana, de onde vinham rebanhos imensos, como os de Nossa Senhora de Guadalupe, decisivos quanto ao abastecimento de matéria-prima. Os cistercienses estabelecidos na Abadia de Santa Maria da Estrela na Boidobra, tal como os membros da Ordem do Templo ou de Cristo, incentivaram a produção dos panos brancos que os Cónegos Regrantes de Santa Cruz de Coimbra também importavam. Os Franciscanos, que entretanto chegaram, ainda na primeira metade do século XIII, desenvolveram localmente o fabrico do burel até 1834. A expansão da tecnologia do pisoamento nas ribeiras serranas contribuiu para o desenrolar do processo. Nós identificaremos pisões em todas as ribeiras próximas da Covilhã: na ribeira de Água Alta, na quinta do Reboleiral, onde ainda havia pelo menos um daqueles aparelhos em 1869, junto da tinturaria, que a firma Campos Mello, concentrada então na ribeira da Carpinheira, pretendia arrendar; na ribeira da Goldra, havia alguns pisões a funcionar pelo menos desde finais do século XV, persistentes no século XVIII e

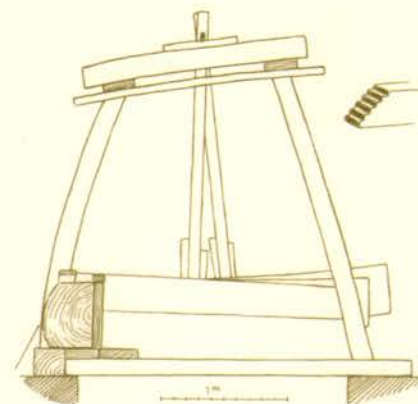
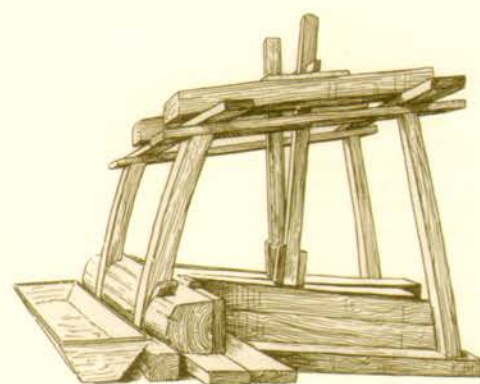


O pisão de Barranco dos Pisões, no Algarve.

A fulling mill in Barranco dos Pisões, in the Algarve.

Ernesto Veiga de Oliveira e Fernando Galhano, *Tecnologia Tradicional Portuguesa: Pisões Portugueses*. Lisboa: Centro de Estudos de Etnologia, 1977, p. 25.

Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa.



Covilhã, selo comemorativo do centenário de uma cidade de lã tecida. 1.º Centenário da Covilhã Cidade. Covilhã, a stamp celebrating the 100th anniversary of a town woven in wool. 1º Centenário da Covilhã Cidade stamp issue.

1970.
CTT Correios de Portugal.

Foto/Photo: Fundação Portuguesa das Comunicações.

Pisão de São Julião, em Bragança. A fulling mill in São Julião, Bragança.

Ernesto Veiga de Oliveira e Fernando Galhano, *Tecnologia Tradicional Portuguesa: Pisões Portugueses*.

Lisboa: Centro de Estudos de Etnologia, 1977, p. 34.

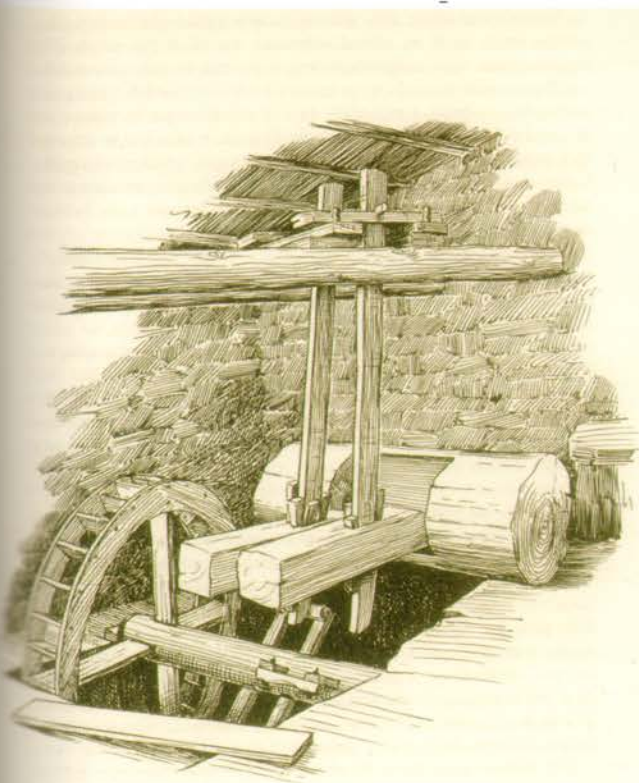
Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa.

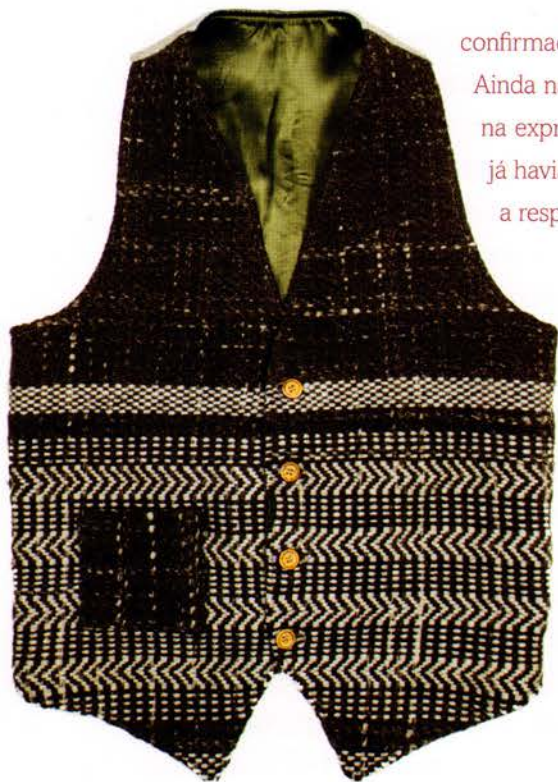
During the Roman domination, this raw material used to be carried from the Alentejo region to Salacia – the present-day Alcácer do Sal – and was shipped to the Italic Peninsula before heading north to Portalegre and Covilhã, today's "city of wool". Besides classical texts, the wool route is also confirmed by the presence of loom weights and a few whorls by the castle of Alcácer do Sal, which means this was not only a watertight area, but also a place where raw material was made into fabric.

As for Covilhã, it is worth to carry out a review of Portuguese laws across the ages to observe the way central government has always considered the sunny town a place where cloth is made rather than the eastern gateway to Estrela Mountain. On 28 January 1528, Estêvão Rico was appointed as the receiver and the sealer of the cloths of Covilhã, replacing Pero de Andrade. He was succeeded by his son Cristóvão Tavares, who resigned in 1566 in favour of Manuel de Vilhegas¹⁴². In 1573, following the death of the last overseer, the new manufacturing rules and taxes were set in *Regimento dos Panos*, the cloth regulation. However, the history of wool cloths in the mountain town owes much to the establishment of ecclesiastical institutions in the Middle Ages, in Covilhã itself – as far as production is concerned – as well as in Coimbra (where they

were consumed) and on the Castilian plateau, from where immense flocks such as those of Nossa Senhora de Guadalupe came and which were decisive for the supply of raw material. The Cistercian monks from Santa Maria da Estrela Abbey in Boidobra, as well as the members of the Order of the Temple or of Christ, encouraged the production of white cloths, which were also imported by the Canons Regular of Santa Cruz de Coimbra. The Franciscans, who arrived in the first half of the thirteenth century, developed burel production locally until 1834. The expansion of fulling technology in the mountain streams contributed to the development of the process. There were fulling mills in all the streams close to Covilhã: on the Água Alta stream, in Quinta do Reboleiral, there was at least one such device in 1869, next to the dye shop, which the Campos Mello company – which was then based in the Carpinteira stream – intended to lease; on the Goldra stream, a number of fulling mills were in operation at least since the late fifteenth century, persisted in the eighteenth century and the archaeological structures of which remain to this day. Fulling mills were mentioned in the charters south of Covilhã in the Middle Ages as *pisones factos et faciendos*¹⁴³, a Latin phrase that means that although some of them already existed, there was interest in extending the cloth compaction technology.

After mentioning the burel of the friars from Covilhã, it is worth mentioning blankets, some of which have the designation of origin from the Alentejo





confirmados em estruturas arqueológicas que resistem nos nossos dias. Ainda na Idade Média, os forais a sul da Covilhã nomeiam os pisões na expressão latina *piones factos et faciendos*¹⁴³, o que quer dizer que já havia alguns instalados, mas havia interesse em estender a outros a respetiva tecnologia de compactação dos tecidos.

Se anunciámos acima o burel dos frades da Covilhã, convém salientar aqui as mantas, algumas com a designação de origem da comarca do Alentejo ou do lugar de fabrico, a cidade de Évora. Com efeito, o espaço alentejano laneiro tem-se modernizado, juntando o tradicional ao hodierno.

Já desenvolvemos de forma documentada a produção de panos nos finais do século xv e no primeiro quartel do século xvi em Portugal e nas ilhas, e até em Safim, Marrocos, onde se multiplicavam os teares na produção dos lambéis, e deixámos um

gráfico sobre a formação em geral do preço dos tecidos de lã nas diferentes operações. Notamos igualmente que, além dos custos destas operações, eram também elevados os preços da tosquia e da lavagem, que aqui não constam.

Seguramente a lavagem necessitava de azeites e cinzas lixivantes, e daí a importância dos olivais e das matas, assim como de um aparelho produtivo anexo, os lagares e os fornos. No ciclo produtivo dos tecidos, nada se perdia. Em todas as fases do processo podia haver associação: de azeiteiros, pastores e carvoeiros, de cardadores, de tecelões e de paineiros vendedores.

Percebemos quão importante foi no século xix o investimento na especialização em algumas raças de gado ovino, particularmente no merino, tanto em Portugal como no mundo então laneiro, com largas produções como as anunciadas no âmbito da Exposição Internacional de Filadélfia, quando foram contabilizados os elevados números de cabeças de gado na Austrália, na Argentina, na Rússia, na Inglaterra e mesmo nos EUA. Nos tempos mais recentes, voltamos a assistir à instituição de

Modernidade do burel no Alentejo.
Colete elaborado com mantas tradicionais alentejanas e burel.
Modernity and burel in the Alentejo region: a vest made from local traditional blankets and burel.
LOOM New Tradition
Foto/Photo: Helder Soares.

Mulheres de Capote e Lenço.
Women Wearing Cloaks and Headscarves.

Aquarela de/Watercolour by
Roque Gameiro.
Museu da Aquarela Roque Gameiro,
Minde.
Foto/Photo: Museu da Aquarela Roque Gameiro.





A tradição: Costumes Alentejanos.
Tradition: *Habits from the Alentejo Region.*

Aquarela de/Watercolour by
Jaime Martins Barata.
Século XX/20th century.
Museu Grão Vasco, Viseu.

Foto/Photo: Delfim Ferreira/Arquivo de
Documentação Fotográfica/Direção-Geral do
Património Cultural.

**Formação do preço dos panos
no século XVI.**

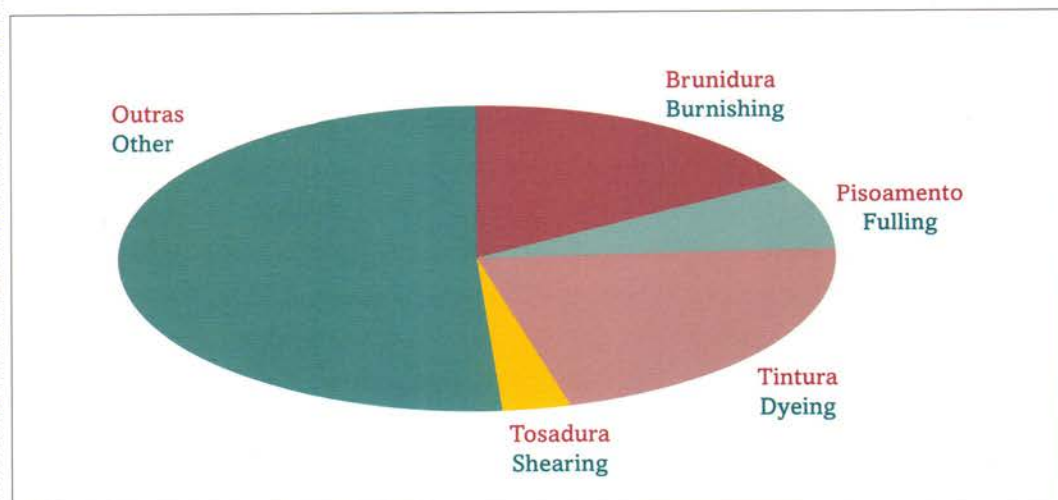
A breakdown of Portuguese
cloth prices in the 16th century.

region or the place where they were made, the city of Évora. Wool products from the Alentejo have been updated, bringing together tradition and modernity.

Cloth production in the late fifteenth / early sixteenth century in mainland Portugal, the Atlantic islands and even in Safi, Morocco – where many looms were used to make striped cloths – has been delved in above, complete with a graph on the price of woollen fabrics in the various operations. Shearing and washing prices (which are not included) were also high.

Olive oil and lye ash were certainly needed for washing: hence the importance of olive groves and woods, as well as of productive devices nearby – olive presses and ovens. Nothing was lost in the production cycle of fabrics. Associations could happen in every stage of the process: olive oil makers, shepherds and coal sellers, carders, weavers and cloth makers and cloth sellers.

The importance of the investment in the specialisation in some sheep breeds (particularly Merino) in Portugal and abroad throughout the nineteenth century – with large productions such as those announced at the Philadelphia International Exposition – becomes clear in the huge numbers of cattle in Australia, Argentina, Russia, the UK and even in the USA. Several associations linked to woolly cattle-raising have been created in Portugal in recent times, though with different purposes. The following were registered in 2015: ACOB – Associação Nacional dos Criadores de Ovinos da Raça Churra Galega Bragançana (National Association of *Churra Galega Bragançana* Sheep Breeders); ACOM – Associação Nacional dos Criadores de Ovinos da Raça Churra Galega Mirandesa (National Association of *Churra Galega Mirandesa* Sheep Breeders); BADANA – Associação Nacional dos Criadores de Ovinos da Raça Churra Badana (National Association of *Churra Badana* Sheep Breeders); ANCOTEQ – Associação Nacional dos Criadores de Ovinos da Raça Churra da Terra Quente (National Association of *Churra* Sheep Breeders from Terra Quente); ANCOSE – Associação Nacional de Criadores de Ovinos Serra da Estrela (National Association of Sheep Breeders from Estrela Mountain); and ANCORME – Associação Nacional de Criadores de Ovinos de Raça Merina





Indústria de Bordados na Madeira,
Oficinas da Madeira House,
de Reid e Castro & C.^a.
 The embroidery industry in Madeira:
 the workshops of Madeira House,
 owned by Reid e Castro & C.^a.
Ilustração Portuguesa, 01/11/1915.
 Câmara Municipal de Lisboa/Hemeroteca
 Municipal de Lisboa.

Rendilheiras de Peniche a fazer
renda à porta de casa.
 Lace-making on the doorstep
 in Peniche.
 1903.

Museu da Renda de Bilros de Peniche.

Vendedor de rendas.
A lace vendor.
 Roque Gameiro, *Branco e Negro*,
 29/02/1898, p. 339.
 Câmara Municipal de Lisboa/Hemeroteca
 Municipal de Lisboa.



Camisa de linho e linha de algodão,
século XX.

A linen and cotton thread shirt,
 20th century.
 Museu Carlos Machado, Ponta Delgada.
 Foto/Photo: António Pacheco/Museu Carlos
 Machado.



embroidery was arguably Maria Augusta Bordalo Pinheiro, followed by Alda Bordalo Pinheiro Lopes de Mendonça later on²³³. Some schools were keen to develop this art, namely the embroidery centres of Funchal, Peniche, Viana, Setúbal, Olhão and Horta. Besides liturgical-related products, embroidery is also part of fans, which have a long-standing tradition in Portugal. Embroidery has also been given a boost at a regional level due to its local heritage and identity features.

In Portugal, it is women who typically run lace factories. Most work is done by women embroiderers. Still, street vendors selling lace and embroidery – sometimes door-to-door – were always men.



Embroidery

Despite the importance of tradition in embroidery, there has also been room for innovation at times, setting the trend as far as stitches and raw materials are concerned and imposing patterns deemed genuine as well as ensuring marketing requirements.

In a way, tapestry could be part of this context as well. However, it has already been mentioned due to its sheer dimension and production history. Rich coloured silk thread embroidery imitating

Esta fábrica utilizava a força de uma máquina a vapor com seis cavalos e empregava cem operários em 1844, multiplicados por quatro ao fim de cinco anos, e triplicando no mesmo período a variedade dos seus produtos, de onze para trinta e sete, salientando-se as alcatifas, os tapetes, as fazendas de algodão, lã e seda para vestuário, interior e exterior, e calçado de homem e senhora, imitando-se com a maior perfeição tudo o que se fazia no estrangeiro. Os xales ali produzidos atingiam uma qualidade notável. A fábrica era completa e dispunha de espaço de desenho e leitura dos debuxos, multiplicados em prelo ali instalado. Os proprietários atualizavam os processos de produção contratando técnicos estrangeiros.

Todos percebemos que foi um conjunto de inovações na indústria têxtil que contribuiu para o desencadear da Revolução Industrial na Inglaterra, mas cabe-nos indagar de alguma participação portuguesa naquela ou posteriormente. De facto, no subsector onde ela produziu imediatamente mais efeitos, notamos em 1851 um inventor luso, António Gomes Loureiro, que apresentou um método de cardagem para o algodão fino, em funcionamento na Fábrica de Fiação de Tomar, na Exposição Universal de Londres²⁴³. Nas terras de Miranda, o burro de cardar trazia novidades ao processo mais antigo utilizado nas terras norte-alentejanas, mas tal seria mais conseguido ainda na dimensão industrial.

A dinâmica liberal favoreceu o surgimento de uma elite de empreendedores no setor têxtil. Beneficiando da aplicação da pauta aduaneira de 1837, Bernardo Daupias levou o seu estabelecimento no Calvário a uma qualidade suficientemente reconhecida na já referida Exposição Industrial em Lisboa, em 1849, depois da implantação definitiva do liberalismo, e nas imediatas, por acerto do tecido e do brilho das cores e pela variedade da combinação dos fios.

A mistura de fibras

A mistura de fibras é um processo que notamos na segunda metade do século XVIII com a intervenção do italiano João Baptista Locatelli, que chegou a Portugal movido por outros interesses industriais. Depois de vários empreendimentos em Lisboa, viria a fundar em Aveiro uma fábrica de algodão, com mistura de seda e linho, como nos informa Inês Amorim²⁴⁴. Todavia, aquele processo de temperar o fio com mistura de várias fibras é muito antigo.

Cardação.

Carding.

Gravura de/An engraving by Jaime Barata, «Os “Cardadores” de Castelo de Vide».

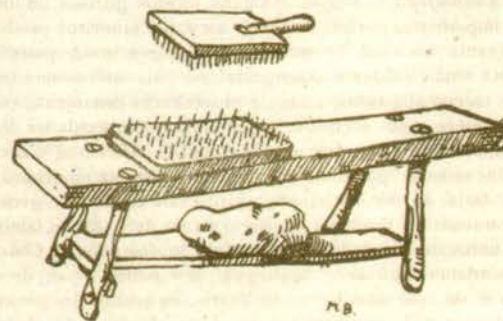
M. Laranjo Coelho, *Revista Lusitana*, vol. 22, 1919, p. 170.

Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa.

Os “Cardadores” de Castelo de Vide

Subsídios para a etnografia (indústrias)
do distrito de Portalegre

É muito antiga em Portalegre, e em algumas das terras situadas na área do seu distrito, a indústria dos lanifícios e teares caseiros, como o atestam e comprovam as referências que acêrca desta indústria temos visto nos mais velhos diplomas e nas mais autênticas fontes da história da antiga região de *Odiana*: — os foraes, as inquirições e os livros do tombo dos seus municípios. Depois da capital do distrito, onde a indústria da fiação e tecelagem da lã adquiriu, porém, mais notável progresso e maior desenvolvimento, foi, sem dúvida, na populosa e pitoresca vila de Castelo de Vide, cujos habitantes mereceram por isso o epíteto de *cardadores*. Este epíteto, que a tradição recolheu e vem trazendo dos mais remotos tempos da história da nacionalidade, teve origem na indústria de cardar a lã nos simples e primitivos aparelhos usados para esse fim com o nome de *cardas* ou *carduças*¹.



¹ A gravura que reproduzimos, desenhos do distinto aguarelista Jaime Barata, representa um antigo banco de cardar, com um pedregulho na parte inferior para dar firmeza e apoio ao banco. Também se usavam as *cardas* soltas, isto é, duas peças iguais à que está na parte superior da gravura, e que serviam para desencarapinhar e assedar a lã.

A INDÚSTRIA
TÊXTIL
PORTUGUESA

THE PORTUGUESE TEXTILE INDUSTRY

EDIÇÃO / PUBLISHED BY
Clube do Colecionador

AUTOR / AUTHOR
António dos Santos Pereira

TRADUÇÃO / TRANSLATED BY
José Manuel Godinho

REVISÃO / PROOFREADING
Conceição Candeias | Rui Centeno

DESIGN / DESIGN
José Brandão | Susana Brito [ATELIER B2]

IMPRESSÃO E ACABAMENTO / PRINTING AND FINISHING
Norprint – a casa do livro

© CTT Correios de Portugal

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial
do conteúdo deste livro sem autorização do Editor.

All rights reserved. Full or partial reproduction of the content of this book
without the Editor's permission is prohibited.

Edição realizada em maio de 2017 numerada e autenticada pelo Editor,
com uma tiragem limitada a 3700 exemplares. Contém a emissão filatélica *Indústria Têxtil Portuguesa*, de 2017.
Printed on May 2017 numbered and authenticated by the Publisher, with a limited run of 3700
and containing the philatelic issue *Indústria Têxtil Portuguesa*, 2017.

ISBN: 978-972-8968-85-4

DEPÓSITO LEGAL N.º 424824/17